

Exportações darão tempo para discutirmos o processo eleitoral'

O Estado de S. Paulo

O “boom” de commodities deve dar tempo ao Brasil para passar por uma “tumultuada” eleição presidencial em 2022 e voltar ao caminho das reformas no início do próximo governo, avalia a economista-chefe do Santander Brasil e ex-secretária do Tesouro Nacional, Ana Paula Vescovi. “O setor externo é o grande fator que nos dá tempo para endereçar aquilo que pode tirar o Brasil de uma deterioração macroeconômica mais séria”, disse, em entrevista ao Estadão/broadcast para contar sobre a mais recente revisão de cenário.

Vescovi e a equipe macroeconômica do Santander apostam em uma disputa polarizada, sem opção no centro ainda, e que tende a trazer bastante volatilidade para os ativos, o que justifica a nova previsão de depreciação cambial prevista para o ano que vem, com o dólar em R\$ 5,55. Na revisão de cenário, Vescovi define que o “grande mote” é a maior preocupação com a inflação, com uma “tempestade perfeita” temporária, que deve levar o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) a romper o teto da meta neste ano (projeção de 5,90%) e ficar bem acima do centro (estimativa de 3,90%) no ano que vem. Leia abaixo os principais trechos da entrevista:

• Qual foi o motivo para a revisão do PIB? E ainda há alguma cautela com o desempenho da atividade deste ano?

Em primeiro lugar, nosso cenário é mais positivo para a atividade, com a revisão para 3,60%. Os riscos são para um cenário mais positivo do que isso. Por que essa moderação em alterá-lo? Está claro que a relação de mobilidade com atividade mudou em relação ao ano passado, na primeira fase da pandemia, provavelmente porque o setor produtivo e os consumidores se adaptaram a essa realidade de distanciamento. O que estamos observando é se realmente vamos ter uma saída mais tranquila da segunda onda. A inflação, que eu acho que é o grande mote dessa revisão, se acelerando tira a capacidade de crescimento. Na nossa visão, há uma perspectiva de crescimento contido. Resumindo tudo, é um cenário cauteloso, sim.

• **É o que vocês descrevem no relatório como “risco de reabrir muito cedo”, com o relaxamento de medidas mais rápido do que imunizações?**

É exatamente isso. Aumentamos o nosso cenário base de vacinação média diária, com 1 milhão de doses por dia, porque, às vacinas já contratadas, se somou o imunizante da Pfizer, com a entrada de cerca de 15 milhões de doses por mês nos próximos meses, em uma quantidade de 100 milhões de doses. Isso implica que seria razoável a estimativa de vacinação mais rápida. A nossa expectativa seria mais alta. Mas o que estamos vendo é que há fricções no processo de entradas do IFA (Insumo Farmacêutico Ativo), na produção de vacinas, na distribuição e fricções até mesmo na gestão entre primeira e segunda dose.

• **Como vocês disseram no relatório, o governo continua “caminhando em gelo fino” para evitar deterioração maior?**

O cenário externo mudou muito pouco, mas mantivemos os aspectos que afetam a taxa de câmbio. O cenário externo é o grande fator que nos leva a ter tempo neste momento para endereçar o que pode tirar o Brasil de uma deterioração macroeconômica mais séria. Temos tempo porque temos maiores exportações. Tudo bem que não traz tantos aspectos positivos para a atividade como traria se tivéssemos condições de colher uma apreciação cambial usual, que tem sido contida pelos riscos idiossincráticos brasileiros. Mas, ainda assim, o setor externo compra tempo para que a gente possa discutir o processo eleitoral brasileiro e as pautas importantes da sociedade, e para que a gente possa chegar em 2023 voltando ao cenário de reformas. Porque só o cenário de reformas pode nos tirar de uma deterioração mais séria do cenário macroeconômico.

• **Então novas reformas só no próximo governo?**

Pode acontecer algo, mas não está no nosso cenário base. E mais importante do que acontecer uma ou outra reforma é o conteúdo, o impacto que vai ter na atividade. É uma questão mais importante do que dizer que foi aprovada uma reforma. Acreditamos que vamos precisar esperar o desanuviamiento do cenário político de polarização para poder ter clareza do que vem de reformas, de qual é a pauta que vai ser vencedora do pleito eleitoral.

- **A revisão para inflação foi bastante significativa para 2021 e 2022, mas vocês ainda qualificam a dinâmica inflacionária como temporária. Não há risco de desancoragem com três anos de inflação acima da meta?**

Sempre que há uma convergência dessa natureza, com a inflação ultrapassando o limite da meta, há riscos, obviamente. O que deixamos claro no relatório é que acreditamos que a política monetária vai ter uma resposta à altura. A gente já começou o segundo trimestre mirando 2022 na política monetária e o fato é que os choques vieram, do lado da oferta e demanda, e começam a gerar efeitos secundários, a se disseminar.

- **O BC deve mudar logo a sua comunicação, que ainda sinaliza intenção de promover normalização parcial da política monetária?**

O BC já deu um sinal de que não necessariamente precisa haver a normalização parcial. Isso vai depender da inflação ou atividade nos próximos meses, mas achamos que isso tende a acontecer por força desse cenário inflacionário, e que o Banco Central deve alcançar Selic de 7,0% em 2022.

“Vamos precisar esperar o desanuviamento do cenário político de polarização para poder ter clareza de qual é a pauta que vai ser vencedora”.

Ana Paula Vescovi

ECONOMISTA-CHEFE DO SANTANDER

Núcleo de Inteligência - Sedet
Edição 151 - Em 02 de junho de 2021

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.